

LINGUASAGEM

COMUNIDADES VIRTUAIS DE LEITORES E PROMOÇÃO DO LETRAMENTO LITERÁRIO EM SITUAÇÃO EMERGENCIAL

Alana Driziê Gonzatti dos SANTOS¹

Dayveson Noberto da Costa PEREIRA²

Resumo: Este artigo científico visa analisar uma experiência com um clube de leitura desenvolvido virtualmente durante a pandemia de Covid-19, por meio de um grupo de *WhatsApp*, do qual fizeram parte alunos e professores do IFRN. Esta pesquisa caracteriza-se, metodologicamente, como qualitativa-interpretativa, cujos dados serão analisados a luz dos estudos de letramento (ROJO, 2012; PAULINO, COSSON, 2009), das explicações seminais a respeito da cibercultura (LÉVY, 1998) e da cultura de convergência (JENKINS, 2006) e de reflexões sobre leitura literária e comunidades de leitores (CHARTIER, 1998; CASADO ALVES, ROJO, 2020). A pesquisa permitiu-nos depreender que as comunidades virtuais de leitores conseguem promover momentos propícios ao compartilhamento de ideias, que vão desde impressões sobre o texto a saberes indiretamente relacionados a ele, criando-se, assim, uma rede colaborativa de diálogo que revela diferentes aspectos do processo de leitura.

Palavras-chave: Comunidades virtuais de leitores; Letramento literário; Covid-19.

Abstract: This scientific article aims to analyze an experience with a reading club developed virtually during the Covid-19 pandemic, through a WhatsApp group, which included students and teachers at IFRN. This research is characterized, methodologically, as qualitative-interpretive, which data will be analyzed in the light of literacy studies (ROJO, 2012; PAULINO & COSSON, 2009), seminal explanations about cyberculture (LÉVY, 1998) and culture convergence (JENKINS, 2006) and reflections on literary reading and reader communities (CHARTIER, 1998; CASADO ALVES & ROJO, 2020). The research allowed us to conclude that the virtual communities of readers are able to promote moments conducive to the sharing of ideas, ranging from impressions on the text to knowledge indirectly related to it,

¹ Doutoranda e mestra em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Graduada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas, pela mesma Instituição. É professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), Macau, Rio Grande do Norte, Brasil. Email: alana.drizie@ifrn.edu.br

² Doutorando e mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Graduado em Letras, habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas, pela mesma Instituição. É professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), Ceará-Mirim, Rio Grande do Norte, Brasil. Email: dayveson.pereira@ifrn.edu.br

revista *Linguasagem*, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 93-120. ISSN: 1983-6988

thus creating a collaborative dialogue network that reveals different aspects of the reading process.

Keywords: Virtual communities of readers; Literary literacy; Covid-19.

Introdução

Desde março de 2020, quando a primeira morte por Covid-19 foi confirmada no Brasil, as pessoas precisaram se adaptar à nova realidade, seguindo orientações estabelecidas por médicos e pesquisadores, como manter o distanciamento social, usar máscaras, higienizar as mãos com álcool 70%, água e sabão. Além disso, com vistas a evitar a aglomeração de pessoas e, por conseguinte, reduzir o contágio, as instituições, as empresas e as organizações alteraram suas formas de funcionamento: os restaurantes passaram a oferecer o serviço de *drive-thru*; os hospitais tiveram de ampliar seus leitos de UTI e separá-los dos demais, a fim de evitar a contaminação pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) entre os pacientes sem a doença; as empresas de *telemarketing* e supermercados, considerados serviços essenciais, recomendaram que seus funcionários trabalhassem de máscara e mantivessem a distância indicada de 1,5 entre os demais.

As escolas de ensino básico e as universidades não fugiram à regra. Com a determinação de fechamento temporário das instituições educacionais, professores e alunos tiveram de se adaptar ao ensino remoto, por meio de projetos e aulas virtuais. Aqui, é válido afirmar que, dadas as circunstâncias que demandaram o ensino remoto, não se pode confundi-lo com a modalidade de ensino a distância (EaD), detentora de um *design* próprio e pensada como mais uma alternativa ao ensino presencial. Desta forma, o ensino remoto não é considerado uma modalidade, pois surge para contornar, pontualmente, os impactos de uma crise, como a pandemia do novo coronavírus.

Tal mudança levou professores a ampliar seus conhecimentos sobre gêneros digitais (*podcasts*, *vlogs*...), plataformas (*Google Meet*, *Google Hangouts*, *Zoom*...) e recursos audiovisuais para gravação (*teleprompter*, *chroma key*, *ring light*...) além de conhecer termos utilizados com frequência no contexto da pandemia, a exemplo de “síncronas” e “assíncronas”, referentes aos métodos de transmissão. Durante o processo, muitos desafios foram postos, desde a carência de recursos materiais entre os alunos a

limitações de conhecimento dos professores, visto que nem todos tiveram a oportunidade de se capacitar adequadamente com antecedência, dado o período curto, caótico e de grandes incertezas. Apesar disso, diversas iniciativas de ensino, pesquisa e extensão foram erguidas em todo o país, por meio do esforço de professores, estudantes, pais e gestores escolares.

Este artigo tem por objetivo tornar público um projeto de extensão³ desenvolvido no âmbito do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), em uma parceria entre professores e alunos dos *Campi Ceará-Mirim* e *Macau*, com o propósito de formar leitores literários. O projeto consistiu em criar uma comunidade de leitores virtual – a “Sociedade de Leitores em Época de Pandemia” (doravante, S.L.E.P.) –, na qual foram escolhidas e discutidas obras de diferentes naturezas, associadas a autores e gêneros diversos. Paralelamente, neste texto, busca-se problematizar os modos de agência dos integrantes do clube, tendo em vista que suas escolhas e discursos estão imbuídos de posicionamentos individuais que, em meio às discussões, se mostram, na realidade, coletivos.

Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa, concentrada na área de Linguística Aplicada, é de natureza qualitativa-interpretativista. Logo, não se pretende aqui levantar e comprovar hipóteses, mas sim realizar a leitura dos dados – registros escritos, pictóricos e em áudio – gerados em discussões do clube de leitura, o qual se erigiu em um grupo de *WhatsApp* e cujos encontros ocorreram de abril a julho de 2020. Do ponto de vista teórico, a análise será subsidiada, especialmente, pelos estudos de letramento, com foco nos multiletramentos (ROJO, 2009; 2012) e no letramento literário (PAULINO, COSSON, 2009); pelos conceitos de cibercultura (LÉVY, 1998) e cultura de convergência (JENKINS, 2006); e pelas reflexões sobre leitura literária e comunidades de leitores (CHARTIER, 1998; CASADO ALVES, ROJO, 2020).

(Multi)letramentos no mundo cibercultural e convergente

³ O projeto “Coronavírus, isolamento social e relações humanas: o que a literatura tem a nos ensinar?” foi selecionado pelo edital de fluxo contínuo nº 01/2020 – PROEX/IFRN. Agradecemos aos monitores Marianne Stefani Miranda Plessem e Marcos Vinicius Gomes da Cruz, estudantes do *Campus Ceará-Mirim* do IFRN e integrantes do Grêmio Estudantil Madalena Antunes, pela divulgação do projeto antes do início de sua execução.

Pensar os letramentos na contemporaneidade implica, antes de tudo, compreender a organização do ciberespaço, definido por Lévy (1998, p. 92) como um “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”. Nesse território, os sujeitos, geograficamente dispersos, mas integrantes de realidades virtuais compartilhadas, podem caminhar em busca de informações, seja focando em uma delas, especificamente, ou se deixando levar por novos interesses. Esse percurso não se dá às cegas, já que os mundos virtuais, viabilizados por dispositivos de comunicação “todos-todos”, isto é, dispositivos favoráveis à interação, à reciprocidade e à organização (inter)comunitária, possuem suas próprias regras de funcionamento, as quais devem ser respeitadas integralmente.

Nessa direção, Lévy (1998) apresenta três princípios que amparam a existência da cibercultura, os quais estão diretamente atrelados e surgem em razão de ser esse fenômeno um movimento social, e não uma técnica de telecomunicação, quais sejam: a interconexão, as comunidades virtuais e a inteligência coletiva. A interconexão faz do ciberespaço um canal interativo, por meio do qual seres e coisas, todos eles detentores de endereços na internet, se comunicam. Por sua vez, as comunidades virtuais dizem respeito a grupos cujos participantes, independentemente da distância física que os separa, compartilham os mesmos interesses, conhecimentos e projetos, sendo orientados por leis consuetudinárias, relacionadas, por exemplo, à pertinência das informações e ao respeito entre eles. Já a inteligência coletiva, segundo o pesquisador, é um motor da cibercultura – podendo também existir em outros espaços, como na comunidade científica e no mundo dos negócios – que conduz a mobilização de diferentes competências, com vistas ao enriquecimento mútuo dos sujeitos.

É importante dizer, ainda em relação à inteligência coletiva, que ela é uma fonte de poder alternativa, atribuída a todas as pessoas imersas na cultura de convergência (JENKINS, 2006), embora nem sempre na mesma proporção. Acontece que o diálogo suscitado nas/ pelas comunidades virtuais cria uma cultura participativa, de modo a fazer com que os espectadores rompam com a passividade diante das informações que lhes chegam e se tornem também produtores: além de consumi-las, eles compartilham e comentam postagens, criam *memes* a partir de um fato de grande repercussão, produzem *fanfics* após concluírem a leitura de um livro ou assistirem a um filme/série. A cultura de convergência da qual trata Jenkins (2006) seria explicada por meio da mudança de

comportamento dos sujeitos e não, simplesmente, na junção de diferentes funções de mídia nos mesmos dispositivos.

Essa mudança de comportamento provocada pelo mundo cibercultural e convergente remete a novas práticas de linguagem. Sobre elas, Rojo (2009, p. 105) afirma que “em termos de exigências de novos letramentos, é especialmente importante destacar as mudanças relativas aos meios de comunicação e à circulação de informação”. Assim, em sintonia com os autores anteriormente mencionados nesta seção, a pesquisadora elenca quatro mudanças, as quais, como consequência, alteraram os modos como se lê e escreve: a intensificação e a diversificação da circulação da informação, a diminuição das distâncias espaciais, a diminuição das distâncias temporais e a multiplicidade de signos. As novas práticas de leitura e escrita, quando explicadas sob a ótica dos multiletramentos, são, segundo Rojo (2012), definidas tanto pela multiculturalidade, já que as culturas se mostram híbridas e fronteiriças, quanto pela multimodalidade, tendo em vista as muitas semioses que contribuem para a constituição dos (hiper)textos contemporâneos. Quanto às suas características, elas são colaborativas, híbridas e transgressoras das relações de poder.

Essas três características apontadas por Rojo (2012), especialmente a hibridez, revelam o desarranjo de algumas dicotomias, como aquela que separa os letramentos hegemônicos dos não hegemônicos. Com isso, não queremos dizer que o contato entre letramentos ocorra em um lugar harmônico, longe da imposição de padrões e das relações de poder. Na realidade, conforme sinalizado pela própria Rojo (2012) e também explicado por Street (2007), os letramentos compreendem lugares conflituosos e de negociação, pois algumas práticas de leitura e escrita, quando não originadas em agências de letramento com elevado reconhecimento social, como a escola, são marginalizadas por aquelas consideradas dominantes. Nesse sentido, em razão de o ciberespaço não compreender um lócus físico de fronteiras demarcadas, o fluxo de letramentos de diferentes origens parece ocorrer com maior intensidade.

É possível observar, que tanto na perspectiva de letramento assumida por Rojo (2009) e Street (2007) quanto nos conceitos de cibercultura e cultura de convergência, explicados, respectivamente, por Lévy (1998) e Jenkins (2006), que o meio digital implicou alterações na produção e na circulação de informações, expressas, como se sabe, nos mais variados gêneros discursivos, bem como em mudanças no perfil do

homem contemporâneo, compreendido aqui como um “agente de letramento” (KLEIMAN, 2006), no sentido mais amplo do termo. Para funcionar, a mídia digital não aceita que os sujeitos sejam meros espectadores, exigindo deles a colaboração necessária para criação e compartilhamento de saberes. Aliás, a multimídia está estruturada para atender a essa finalidade, uma vez que, além de os textos serem postos em nuvens, o que tende a facilitar seu acesso pelas pessoas, recursos destinados à produção coletiva de informações são criados a todo o momento, como os dispositivos da *Google* (*Google Classroom* e *Google Docs*, por exemplo).

Pode-se dizer que, em cada comunidade virtual, atribuições são assumidas por seus integrantes, os quais mobilizarão conhecimentos e recursos para cumprir as demandas que lhes cabem. Assim, da mesma forma que se pode falar na figura do professor como agente de letramento, conforme já problematizado por vários pesquisadores (KLEIMAN, 2006; OLIVEIRA, 2010; BORTONI-RICARDO, MACHADO, CASTANHEIRA, 2010), é possível dizer também que, em outras situações comunicativas, todos podem vir a ser agentes de letramento. É o caso das reuniões promovidas pelas comunidades de leitores, sobre as quais se discorrerá melhor adiante, pois, em tais encontros, cuja mediação se dá por gêneros diversos, diferentes funções (mediador das discussões, por exemplo) e modos de agir (participar ou se abster das discussões) são conferidos aos sujeitos de que deles participam.

Comunidades de leitores e letramentos literários

Conforme explicado na seção anterior, o mundo digital originou novas práticas de letramento, mas também, vale salientar, ressignificou outras tradicionais, sendo a leitura literária uma delas. Entretanto, antes de problematizá-la, faz-se necessário, de início, pensar nos papéis atribuídos à literatura ao longo da história, os quais, segundo Compagnon (2012), remontam aos períodos clássico, romântico, moderno e pós-moderno. De acordo com o autor, no período clássico, a literatura era um objeto de instrução e deleite; no romantismo, ela passa a ser encarada como um antídoto que o livra da autoridade e do obscurantismo religioso; no período moderno, o texto literário ganha o reconhecimento de veículo contra as inadequações linguísticas, capaz de tornar

o leitor apto a se desviar da linguagem ordinária; no pós-modernismo, a literatura supera o compromisso instrumental comum às outras épocas, tornando-se, principalmente para críticos e teóricos, um meio para o desenvolvimento da personalidade e da “educação sentimental” dos leitores.

Com o surgimento da pós-modernidade (e da cultura cibernética e convergente, acrescenta-se aqui), entender as especificidades do outro, por intermédio da leitura dos textos ficcionais, tem-se mostrado uma ação naturalizada para estes novos tempos, dado que “ela permite acessar uma experiência sensível e um conhecimento moral que seria difícil, até mesmo impossível, de se adquirir nos tratados filosóficos” (COMPAGNON, 2009, p. 59). O poder pós-moderno da literatura a que Compagnon (2012) se refere mostra-se, então, coerente quando observado o contexto mais amplo do meio literário atual, no qual autores produzem seus textos no que se intitula hoje “literatura de massa”, a fim de atender às exigências do mercado e dos leitores, e estes, por sua vez, “consomem” vorazmente as produções literárias como nunca antes visto.

O novo perfil do leitor, que nem sempre se sente confortável para ler os clássicos, é alvo de constantes críticas, formuladas, quase que exclusivamente, pelos adeptos de uma suposta literatura de excelência: os jovens leitores ora são encarados como não leitores, ora são avaliados como péssimos leitores. Inclusive, algumas pesquisas são contaminadas por tais críticas, como bem observaram Casado Alves e Rojo (2020). Ao invés de considerar, de forma exclusiva, a qualidade do que é lido – até porque, via de regra, não existem critérios bem delimitados para distinguir uma boa leitura de uma má leitura –, é mais indicado investigar as trajetórias de leitura desses sujeitos, pois, com isso, além de conhecer seus gostos, pode-se também compreender seus modos de agência, que, a propósito, estão longe de ocorrer individualmente.

Ainda no que diz respeito ao novo perfil do leitor e aos novos modos de ler, válidas são as contribuições de Chartier (1998), para quem o leitor é um insurgente, pois desloca e subverte o que o livro tenta lhe impor. Segundo o autor, “os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem” (CHARTIER, 1998, p. 77). Até o século XVIII, quando as limitações da comunicação impressa eram nítidas e as leituras estavam relacionadas ao sagrado, tal ação não se dava livremente, sem antes haver o preparo prévio e o impedimento da intervenção do leitor. Com a ampliação dos sistemas de

representação, como a fotografia e o cinema, as práticas de leitura se tornaram, por extensão, mais desordenadas e menos controladas. A nova geração de leitores, ao romper com os precedentes de gerações passadas, cria novas formas de sociabilidade, passando, por exemplo, a compartilhar seus achados e construir comunidades, hoje reforçadas pelos textos eletrônicos que circulam no meio digital.

Nas comunidades de leitores, os textos não são recebidos da mesma forma entre seus integrantes, uma vez que cada leitura é única, ao entrar em contato com a subjetividade dos leitores. Sobre isto, Chartier (1991, p. 179) afirma: “os que podem ler os textos, não os lêem de maneira semelhante, e a distância é grande entre os letrados de talento e os leitores menos hábeis, obrigados a oralizar o que lêem para poder compreender, só se sentindo à vontade frente a determinadas formas textuais ou tipográficas”. Ademais, é possível afirmar que tão diversos quanto os leitores são as comunidades de que eles fazem parte, dada a existência de regras e recomendações internas que organizam as práticas.

De maneira geral, as comunidades de leitores têm o intuito de promover encontros periódicos para socialização da leitura de uma obra, escolhida por uma pessoa mais experiente ou de forma democrática pelo grupo, com a mediação de um ou mais integrantes. Um exemplo de comunidade é o “Leia Mulheres”⁴, criado, em 2015, pelas brasileiras Julia Gomes, Juliana Leuenroth e Michele Henriques, com origem no projeto *#readwomen2014*, sendo este coordenado pela escritora inglesa Joanna Walsh, cujo propósito foi incentivar, por meio do amplo compartilhamento da *hashtag* no *Twitter*, a leitura de textos literários de autoria feminina. A ideia do clube se estendeu por todos os estados da federação mais o Distrito Federal e, no Rio Grande do Norte, em particular, encontra-se atualmente em cinco cidades: Apodi, Assu, Mossoró Natal, Parnamirim e Pau dos Ferros. Como esta comunidade, existem muitas outras no país, seja abordando recortes de leitura específicos, a exemplo da “Glitteratura”⁵, na qual o foco são livros e histórias em quadrinhos (HQ) de conteúdo LGBTQIAP+, conforme descrição na página

⁴ No site “Leia Mulheres”, o qual pode ser acessado pelo link <<https://leiamulheres.com.br/>>, é possível encontrar as cidades onde há unidades do clube, os nomes das mediadoras, os sites parceiros, as resenhas sobre a obras lidas.

⁵ As informações sobre a comunidade foram extraídas do *Twitter* a partir da *hashtag* *#Glitteratura*. Elas, em sua maioria, estão disponíveis no perfil público de uma das mediadoras, a *@ilustralu*, a qual também é quadrinista.

do *Twitter* de uma das coordenadoras, ou flexibilizando as indicações de obras, desde que estas atendam ao gosto dos participantes, como os clubes de leitura que surgem no âmbito do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte.

Vê-se, portanto, que as comunidades de leitores são iniciativas que promovem o letramento literário, definido como “o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” (PAULINO, COSSON, 2009, p. 67). Pode-se ir além e afirmar que essas comunidades viabilizam letramentos literários, no plural, pois a literatura não existe apenas em livros físicos, como também as práticas em torno da leitura de textos ficcionais são diversas⁶. Pesquisas, como a de Melo (2017), revelam que os sujeitos que participam de comunidades de leitores socializam suas experiências com a literatura, seja na condição de leitores ou produtores, em diferentes espaços e suportes: redes sociais, *webseries*, artigos de jogos, *fanfictions*. No ato da socialização, identidades também são reveladas, pois os textos são escolhidos a partir da afinidade que os leitores têm com os autores ou com as temáticas abordadas. Diante disso, na próxima seção, discorreremos sobre a S.L.E.P., enfatizando, a partir das discussões levantadas, o que se mostrou mais recorrente na agência de alunos e professores.

A Sociedade de Leitores em Época de Pandemia (S.L.E.P.)

Em razão de as instituições de ensino terem suspenso suas atividades físicas por causa da pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2), algumas iniciativas, além das aulas virtuais, foram implementadas, a fim de atenuar os efeitos da crise sanitária no âmbito educacional. Com a certeza de que o ensino remoto seria necessário até se criar uma solução, outra dificuldade surgiu: garantir o acesso às aulas virtuais a todos os alunos, especialmente àqueles que não tinham internet e/ou equipamentos de apoio.⁷

⁶ Em oposição à perspectiva mais conservadora dos estudos literários e do ensino de literatura, Cosson (2014) apresenta um argumento com o qual os autores deste artigo concordam: a literatura pode ser encontrada em outros suportes, desde jogos de personificação (RPG) a canções populares, filmes, histórias em quadrinhos (HQ) e literatura eletrônica, todas marcadas por forte hibridez de linguagens.

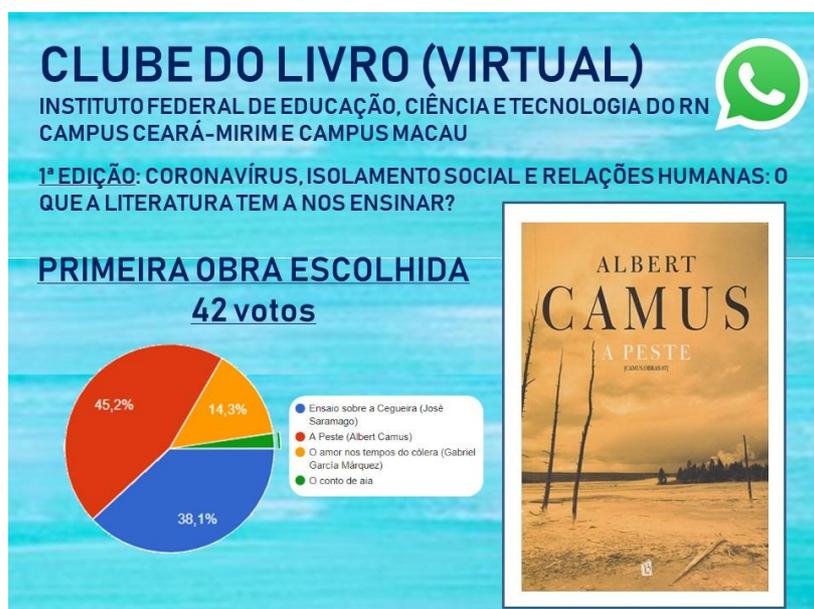
⁷ No *Campus Ceará-Mirim* do IFRN, servidores construíram o site #AtivosEmCasa com a finalidade de divulgar os projetos realizados. Para visualizar as ações, este é o link do site: <http://ativosemcasa.cm.ifrn.edu.br/>

revista *Linguagem*, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 93-120. ISSN: 1983-6988

A S.L.E.P foi um projeto conduzido por três professores de Língua Portuguesa e Literatura do IFRN. Partindo de experiências exitosas com clubes de leitura físicos, o desafio deste projeto foi desenvolver, de forma virtual, uma comunidade de leitores que viabilizasse a agência de alunos e professores dos *Campi Ceará-Mirim e Macau*. Para tanto, criou-se um grupo no *WhatsApp*, onde seriam disponibilizados os *e-books* e se dariam as discussões, e formulários no *Google Docs*, para escolha das obras e avaliação dos encontros.

Todas as ações se deram de forma colaborativa, a começar pela escolha do nome da comunidade. Houve um total de 19 sugestões e, ao final, a S.L.E.P. foi escolhida com 27% dos votos. As sugestões não foram aleatórias, havendo uma explicação para elas. No caso do nome escolhido, a integrante que o indicou justificou: “Eu me inspirei em *A Sociedade Literária e a Torta de Casca de Batata* [...] já que no livro o clube recebeu esse nome, e ele foi criado justamente para lidar com os tempos difíceis, em que as pessoas estavam mais afastadas umas das outras”.

Figura 1: divulgação de resultado da primeira obra escolhida⁸



A S.L.E.P. contou com sete leituras e sete encontros virtuais. No início do projeto, a intenção foi problematizar, via literatura, o contexto da pandemia, sendo

⁸ Fonte: acervo da pesquisa

exigida, a indicação de obras (romances e novelas, a princípio) sobre o assunto ou tangenciais a ele, abordando, por exemplo, saúde, crises sanitárias e doenças emergentes. Por decisão da comunidade, outros temas e gêneros discursivos foram indicados, conforme o quadro a seguir.

Quadro 1 – Registros de discussões⁹

Título da obra	Autor(a)	Gênero discursivo	Data da discussão
A Peste	Albert Camus	Romance	17/04/2020
Felicidade Clandestina	Clarice Lispector	Conto	08/05/2020
A princesa salva a si mesma neste livro	Amanda Lovelace	Poema	15/05/2020
O conto da Aia	Margaret Atwood	Romance	09/06/2020
Textos cruéis demais para serem lidos rapidamente	Igor Pires da Silva	Poema	20/06/2020
Ideias para adiar o fim do mundo	Ailton Krenak	Ensaio	03/07/2020
Sejamos todos feministas	Chimamanda Ngozi Adichie	Ensaio	17/07/2020

Nos encontros, os integrantes do clube trouxeram vários tópicos de discussão a partir dos livros, como comentários gerais sobre os textos (estrutura e conteúdo), sua relação com o contexto social, com aspectos de suas vidas e com outras leituras. Ao invés de analisar separadamente cada encontro, o que seria inviável para um artigo, a análise dos dados aqui proposta partirá desses quatro tópicos, os quais se mostraram mais recorrentes nas discussões.

Comentários gerais sobre os textos

⁹ Fonte: acervo da pesquisa

Entre 01 a 17 de abril de 2020, a S.L.E.P realizou a leitura do romance “A peste” – obra que obteve um aumento expressivo de vendas no Brasil diante do contexto da pandemia (FOLHA, 2020) e que, em nosso círculo de leitura, obteve votação superior a 45% diante de outras opções que tratavam de temáticas similares, como “Ensaio sobre a cegueira”, de José Saramago, e “Amor nos tempos do cólera”, de Gabriel García Márquez. Como primeira obra literária, sua discussão rendeu comentários por parte dos discentes, para compartilhar inquietações acerca da leitura, conforme vemos na sequência, em excerto retirado do grupo, com indicação de iniciais para preservar a identidade dos envolvidos:

L. M. — Eu estava tendo um trabalho para compreender um detalhe, mas acredito que entendi. Ele narra os depoimentos de mais de um personagem e conta como um historiador correto? No início eu não compreendia por que eram muitos os nomes
(S.L.E.P., 06/04/2020)

Diante de questionamentos como esse, com uma visão aparentemente externa do narrador diante da narrativa, a leitura promoveu discussões levando em consideração a figura do narrador, a alegoria presente na obra e conflitos entre personagens, afora questões sociais que serão abordadas no próximo tópico. Para sustentar o diálogo sobre a obra, são remetidos trechos do romance, assim como hipóteses dos leitores acerca da construção, como é possível observar na interação abaixo. Dela, é curioso notar a construção coletiva de sentido para o contexto geral da obra, pela negociação de sentidos e olhares.

F. M. — Ele escreve o livro como um depoimento

L. M. — Por isso ele destaca no início o tempo todo a palavra “historiador” quando se remete ao narrador

D. N. — Vou colocar uma questão pra gente pensar: pq o narrador escreve o texto na terceira pessoa se ele próprio é personagem dela?

M. L. — Tenho algumas hipóteses: 1- Acho que para não revelar de cara quem era e 2- Porque o Rieuz que narrava era diferente do que viveu a pandemia o que tornavam eles o mesmo ser porém com duas visões distintas

F. M. — "Mas, antes de narrar os últimos acontecimentos, ele gostaria, ao menos, de justificar sua intervenção e fazer compreender por que quis assumir o tom de testemunha objetiva. [...]"

M. M. — achei essa segunda opção super valida e não tinha pensado desse jeito. só imaginei q era em terceira pessoa (e demorei pra me acostumar com isso kkkk) pra q o autor pudesse deixar no livro o seu ponto de vista mais filosófico, digamos assim

(S.L.E.P., 17/04/2020)

Entre 26 de abril a 08 de maio de 2020, o grupo realizou a leitura de “Felicidade Clandestina”. Sendo uma obra composta de vinte e cinco contos com múltiplas temáticas, sua discussão na S.L.E.P. abordou preferências entre os contos lidos, elementos recorrentes na escrita da autora, bem como dificuldades de leitura, especialmente às interpretativas:

M. L – Eu via que ela usava uma palavra para se referir a um milhão de outras palavras e sentimentos distintos.

L. M. – Essa eu tentei ao máximo juntar os sentidos das palavras/ Mas n consegui kkk/ Eu peço nisso, como n tenho hábito não sou bom em interpretação do sentido das palavras

(S.L.E.P., 08/05/2020)

Nesse excerto, percebe-se a dificuldade de dois leitores do grupo diante dos fluxos de consciência produzidos pela autora – uma característica própria de sua escrita –, nos quais a sequencialidade dos fatos não segue uma narrativa convencional. O conto “O ovo e a galinha” foi aquele que gerou mais comentários pelos leitores, que se aprofundaram na interpretação:

F. M. – Eu acho q a sensação e a interpretação de "O ovo e a galinha" é beem diferente pra cada pessoa.

M. L. – A primeira vez que li tive uma interpretação e na segunda minha primeira ideia foi concretizada.

L. M. – O que conseguiram extrair na segunda leitura?

F. M. – Aqui uma das partes que grifei de o ovo:/ "sendo impossível entendê-lo, sei que se eu o entender é porque estou errando"/ "O que eu não sei do ovo é o que realmente importa"/ Eu acho que não tem uma interpretação certa ou errada. Pode depender do q está dentro de você e do que te toca

M. L. – O ovo é o mundo. No instante em que nos prendemos a ele apenas com "mundo", acabamos por nós tornar generalistas. O ovo pode ser - e ele é - muito mais que um ovo, e o mundo é muito mais que o mundo.

L. M. – Eu ficava me perguntando o que realmente era o ovo

M. L – Eu tentei ver como realmente acontece no dia a dia. Uma coisa raramente é o que parece ser

(S.L.E.P., 08/05/2020)

De 09 a 15 de maio de 2020, “A princesa salva a si mesma neste livro” foi o foco das discussões. Por ter sido a primeira leitura do grupo que não se caracterizava como prosa, ela propiciou discutir o novo formato e os recursos estilísticos empregados no texto – como ideogramas e palavras riscadas.

R. – Eu amei, a cada página que se passava era como se fossem tiros/
Eu achei muito impactante/ Amei as referências a Harry Potter/ Achei
tendência a forma de como a autora desenvolvia alguns poemas, as
letras em zigzague/ Aff, adorei/ Esse é o tipo de livro que eu vou
levar pra vida e também pra Redação

M. M. – eu amei esse livro, achei incrível as estruturas de alguns
poemas. sem falar q os próprios poemas são ótimos e é mto lindo
como ela passa por tantas coisas mas usa isso como força pra lidar
bem com as coisas da vida

(S.L.E.P., 15/05/2020)

Somando a esse aspecto, os leitores notaram uma relação entre as narrativas, que criava tramas, sequências e retomadas, apesar dos poemas serem “aparentemente” desconexos:

D. N. – Vcs tão percebendo alguma linearidade nos acontecimentos
dos poemas ou fui eu que brisei?

L. M. – Tem sim. Crtz.

V. M. – eu percebo/ tem até uma trama pra mim/ minha cabeça
preencheu as lacunas

J. –eu concordo com vcs dois/ ela continua as historias/ põe fim e tudo
(S.L.E.P., 15/05/2020)

No período entre 16 de maio e 09 de junho, o romance distópico “O conto da Aia” tornou-se alvo das discussões. Em adição às relações diretas com contextos sociais vigentes, que serão mencionadas no próximo tópico, a leitura gerou um interesse pelas estratégias de personalização adotadas na escrita, conduzida em primeira pessoa.

L. M. – a obra como um todo (até onde li) me lembra mto o estilo de
um diário. Há momentos em que a própria história deixa em aberto o
que pode ter acontecido, reforçando a ideia de limitação, falta de
informação e privação da liberdade.

(S.L.E.P., 09/06/2020)

A leitura do livro de poemas “Textos cruéis demais para serem lidos rapidamente” ocorreu entre 10 a 20 de junho de 2020. Pela obra apresentar textos curtos, a leitura foi permeada de envios de capturas de tela destacando textos escritos e ilustrações mais atrativos. Por ter sido uma obra que reúne textos de redes sociais – inclusive, tendo sido as primeiras plataformas de divulgação do material – sua discussão tratou deste ponto e da linearidade entre os poemas, semelhante à obra “A princesa salva a si mesma neste livro”:

D. N. – Gente, vcs sabem que esse livro é produto de uma compilação de textos inicialmente publicados na Internet (Facebook e Instagram), por um coletivo literário, né? Pois bem! Eu não sabia. Na verdade, nem sabia da existência do livro. □

M. – eu pensei a mesma coisa, dps q descobri q tinha o livro. Eu imaginei q só existisse as frases e tal, e não o livro completo, porém, acho q eles fazem isso (coloca trechos) pra chamar a atenção dos leitores, e assim, persuadir a comprar o livro.

M. L. – Talvez no livro as pessoas vejam tudo com mais emoção e muitas vezes nas redes sociais as pessoas passam por sentimentos verdadeiros despercebidos.

V. M. – acho que transformar em livro dá um sentido diferente as coisas, mesmo que elas já estejam a nosso acesso facilmente. Só de estar em um compilado, a gente já lê de outra forma, acredito que a necessidade de transformar em livro vá de cada autor

I. P. – E outra, no livro os textos são organizados quase que numa cronologia, ao meu ver

M. – issooooo / tem uma ordem de tudo / n fica meio “avulso”

I. P. – Em cada parte os textos se casam entre si, e as partes se casam umas com as outras/ Outras duas coisas que eu amei nesse livro: como alguns textos têm um trequinho colocado a parte pra vc ler antes de começar o texto em si/ (Me deixa muito curiosa pra ler todo)/ E as ilustrações que são perfeitas mds

D. N. – Eu achei isso super curioso tbm. É como se os pequenos poemas fossem uma epígrafe pra o texto seguinte, né?

(S.L.E.P., 20/06/2020)

Rapidamente, a discussão se voltou para opiniões variadas sobre o livro e as sensações evocadas pela leitura:

V. M. – o quê que cês acharam do livro?

M. L. – Eu não gostei muito. Achei muito melancólico e sou uma pessoa muito sensível e quando leio esse tipo de livro choro muito.

M. M. – eu gostei do tom poético tanto nos textos quanto nas ilustrações. é um livro q dá mto gatilho, porém, ao meu ver, todos os textinhos tem uma mensagem mto importante q cê pode tirar deles/ Gosto mto de livros assim de reconstrução e tals [...]

J – eu me senti abraçada em muitos textos/ a realidade das paixões e do amor/ que mesmo quando existe isso, pessoas podem ir embora/ sobre a dor da partida/ eu tive a impressão de que o livro disse do início ao fim "tudo bem sentir"/ e isso foi tão bom/ gostei demais (S.L.E.P., 20/06/2020)

Na sequência, aconteceu a leitura do ensaio “Ideias para adiar o fim do mundo”, entre 21 de junho a 03 de julho de 2020. A obra critica os efeitos do colonialismo na sociedade e a separação contemporânea entre homem e natureza. Destacamos a leitura de um dos membros do grupo, que reflete sobre o título da obra, a temática e as indagações terminológicas:

L. M. – Bom, lá vou eu expressar o que achei do livro: Tenho que admitir que a primeira vista o que mais me chamou a atenção foi o tamanho do livro, mas quando eu cheguei ao fim eu pude compreender o motivo./ No início da obra é afirmado pelo narrador que a provocação sobre adiar o fim do mundo é: sempre poder contar mais uma história. Essa ideia tem seu sentido reforçado quando se começa a falar dos povos antigos e da importância da sua cultura./ Fica explícito então, que naquele momento o livro não traria ideias para adiar o fim do mundo. Elas já existem, já foram dadas, transmitidas e resguardadas./ Algo que, em algum momento da história, todos deixamos de valorizar e, simplesmente, deixamos de lado o pensamento sobre o que deixar para nossas futuras gerações, discursos esse que não é recente./ O papel que o autor faz desde então é tentar nos fazer enxergar que nos perdemos em nossos próprios objetivos e no sentido do que realmente é a humanidade./ Mas eu ainda fiquei perdido em alguns pontos, por exemplo: quando ele começou a falar dos 'Antropos' (S.L.E.P., 03/07/2020)

Finalmente, em 17 de julho, o ensaio “Sejamos todos feministas” foi discutido, com reflexões sobre o movimento feminista, o machismo e a desigualdade de gênero. Os leitores puseram em evidência, na discussão do livro, relatos pessoais – os quais ganham realce em nosso próximo tópico analítico – e questionamentos críticos, sobre o sentido da palavra “feminismo”:

L. M. – Assim, o livro, em si, fala de um outro assunto já muito abordado - isso está explícito do título./ Pode parecer besteira, mas como homem também tenho dificuldade de falar sobre esse assunto, porém, esse pensamento de que: somos doutrinados desde pequenos é algo que me afeta há muito tempo.

D. N. – Você se considera um homem feminista, L. M.? Pergunto isso porque o título do livro é: "Sejamos todos feministas", o que implica dizer que todos somos capazes de ser feministas, independentemente da identidade de gênero ou da orientação sexual./ Até hoje, não sei, ao certo, se há "homens feministas"

L. M. – Rapaz, considerando o significado de "feminista" dado pela autora (usando como fonte, segundo ela, um dicionário, eu me considero. Acho que a questão não é se existe "homens feministas", a pergunta que deveríamos fazer é por que não nos consideramos "feminista"?/ Simples, porque essa realidade é tão centralizada que nos culpamos, lembramos de nossas atitudes no passado e esquecemos do presente./ Não precisamos pensar se há "homens feministas", temos que ser.

M. – eu, particularmente, gosto mto do termo "pró-feminismo", acho que deixa bem visível que eles não têm lugar de fala, mas apoiam as mulheres

(S.L.E.P., 17/07/2020)

Relação com o contexto social

Diante das sete leituras propostas no clube literário, ao menos cinco discussões de obras realizadas merecem destaque no que tange ao estabelecimento de relações com o meio social, especialmente ao serem relacionadas com o contexto histórico e as temáticas em alta nas problemáticas da atualidade, como posicionamentos ideológicos, feminismo, ações afirmativas, entre outras. Nesse sentido, destacamos como literatura e cultura se interlaçam e dialogam, em um movimento no qual a arte impacta e é impactada por elementos histórico-sociais. Vejamos o primeiro exemplo dessa relação:

G. A. – “Ninguém aceitara ainda verdadeiramente a doença. A maior parte era sobretudo sensível ao que perturbava seus hábitos ou atingia seus interesses. Impacientavam-se, irritavam-se, e esses não são sentimentos que se possam contrapor à peste.”

G. A. – só eu q vi semelhança dessa descrição com o q estamos passando? quando passaram por esse trecho, n veio nd do nosso presente nos pensamentos de vcs?

R. – Quase tudo que eu li até agora tem, de alguma forma, como relacionar com o contexto atual

P. – Não, vc não foi a única Kkk

(S.L.E.P., 06/04/2020)

No romance “A peste”, chega a ser inevitável a associação entre a epidemia retratada na obra ficcional com a pandemia do novo coronavírus. Na cidade de Orã, há apatia e leviandade à disseminação da doença pela população e problemas na

divulgação oficial do número de mortes, enquanto uma parcela dos cidadãos lutava diretamente no combate à peste. A desinformação apresentada na literatura é refletida na atualidade, como percebemos no debate abaixo:

L. M. — "Um homem morto só tem significado quando o vemos morrer."

M. C. — Reflete bem as discussões atuais

L. M. — Entendo essa frase como se o autor quisesse dizer: quando escutamos que alguém morreu não damos tanta importância quanto quando presenciamos.

F. G. — Essa frase me fez lembrar algo que ouvi recentemente. Uma pessoa estava comentando que as mortes por coronavírus era tudo inventada, que na verdade ã era assim, que o corona e algo simples. Porém hoje quando um parente da pessoa falou que estava gripado e sentindo dor a pessoa só faltou passar de tanta preocupação. Ou seja quando a dor ã esta na gente ou próxima da gente muitas vezes ã damos importância nem sentimos empatia nenhuma.

(S.L.E.P., 04/04/2020)

A resistência ao uso de máscaras, à aceitação de vacinas e, de forma mais geral, a acreditar na gravidade da doença e da pandemia, por meio de discursos negacionistas, fez parte da realidade brasileira durante o surto do novo coronavírus, endossada por falas de autoridades locais. Nesse sentido, F. G. ressalta a dificuldade presenciada em sua cidade quanto às pessoas compreenderem a situação.

Acerca dessa temática, o romance distópico "O conto da Aia" reflete o sentimento de aprisionamento da realidade pandêmica:

L.M. – Como sempre, relacionando a situação atual do Brasil o livro me fez pensar como seria a vida como a contada na história./ É claro que não irei generalizar, mas tirarei como exemplo o que vivencio aqui em Macau./ Mesmo os que se dizem consciente da importância do isolamento andam pela cidade sem qualquer importância, apenas para visitar familiares ou coisa do tipo. Isso me irrita, pois quando se defende algo como a quarentena, tomar decisões como essa é ser hipócrita, correto?/ Mas isso cria outra discussão. O que realmente faz as pessoas quererem furar a quarentena? A resposta mais aceita é o desejo de estar livre, é claro./ Contudo, se somos incapazes de viver em um mundo onde a privação da liberdade pode salvar vidas, como viveríamos em um onde ela não fará nada além de nos privar?/ Como sempre, temos total acesso aos nossos meios de comunicação, mesmo assim é insuportável conviver com a vontade de estar livre/ O livro traz exatamente essa mensagem do que é viver privado/ Injustamente (S.L.E.P., 08/06/2020)

Outra questão destacada da obra “A peste” foi a desigualdade social, a qual, em períodos pandêmicos, pode se tornar mais latente – apesar da falácia de que uma doença transmissível por partículas virais seria “democrática” quanto aos atingido pela enfermidade. Para essa relação, foram mobilizados um trecho do romance e um editorial recente, que ressalta pessoas de certas classes, raças e gêneros como mais afetadas pela pandemia do novo coronavírus, considerando-se o acesso ao sistema de saúde:

F. M. — “Mas é também porque se sente envergonhado. Descobrir ratos em um elevador de um hotel respeitável parece-lhe inconcebível. Para consolá-lo disse-lhe ‘Mas acontece o mesmo a todos!’/ ‘Justamente’, respondeu-me ‘somos agora como todos os outros.’/ Achei essa parte bem interessante/ Mas até que ponto está todo mundo no mesmo barco? □ Rsr/ <https://theintercept.com/2020/03/17/coronavirus-pandemia-opressao-social/> (S.L.E.P., 02/04/2020)

Como consequência das leituras de “A princesa salva a si mesma neste livro”, “O conto da Aia” e “Sejamos todos feministas”, a temática dos direitos da mulher foi evocada, destacando-se questões como a libertação de padrões estéticos e patriarcais e a igualdade entre gêneros:

R. – Sla, o jeito que esse livro critica os padrões de beleza é diferente
M. M. – e as mensagens q ela deixa pra q vc se aceite, mds maravilhosa
V. G. – As vezes a gente precisa ouvir essas coisas pra ver q não é normal passar por isso
(S.L.E.P., 15/05/2020)

M. L. – É a mesma coisa que acontece no Brasil e no mundo. Uma mulher é violentada – normal; uma pessoa é assassinada sendo inocente – normal; uma criança é morta de forma brutal – normal. Existe o tráfico de mulheres, crianças, inocentes sendo acusados e mortos e muitos não se importam. Acham que é a realidade de um país é que não precisa ser mudada.
L. M. – Fica clara a forma como todos desistiram e aceitaram tudo como o ‘normal’. Talvez seja por isso que [a leitura da obra] voltou à tona com a eleição de Trump kkkkk. As pessoas lêem e vêem como uma mensagem entregue pela escritora de que não precisamos aceitar o ‘normal’, porque esse ‘normal’ pode ser absurdo.
(S.L.E.P., 08/06/2020)

V. M. – os pais colocam expectativas nos filhos pautadas nos ideais de gênero que a sociedade carrega, muitas vezes isso nos machuca, e por grande parte da nossa vida nós vivemos tentando "alcançar" esses objetivos que nem são nossos

M. C. – Os homens ainda tem muitos privilégios que as mulheres não tem, justamente por causa de gênero/ Um simples, bem simples mesmo, é o fato das mulheres não poderem andar sozinhas a noite. E quando digo "poderem" é pelo medo mesmo de algo acontecer. Pq Deus me defenda de andar sozinha a noite!
(S.L.E.P., 17/07/2020)

É perceptível o envolvimento das mulheres do grupo com as discussões, trazendo fatos do seu cotidiano para embasar os discursos acerca da falta de direitos, da construção de ideais e de violências que fazem parte do dia a dia da mulher em nossa sociedade. Evocações a áreas de conhecimento, como as Ciências, para desafiar visões de diferença biológica entre gêneros, entram em cena, dando-se realce ao fato de que, muitas vezes, são as crenças do imaginário social que constroem certos cenários que privilegiam o gênero masculino.

Ademais, uma temática advinda de “Ideias para adiar o fim do mundo” foi a relação colonizador e colonizado, que ocorre a partir de processos de violência cultural e social. Sob a visão de um líder indígena, essa temática é retratada na obra e discutida pelo grupo em defesa do colonizado e de valores relacionados a sua memória, identidade e resistência. Desse modo:

[...]

D. N. – Há uma palavra que o Krenak mencionou, em alguma parte do texto, que resume isso: "cosmovisão", que é a forma como entendemos o mundo. Cada grupo social, em tese, tem a sua. A questão é a seguinte: por que o colonizador (no sentido amplo da palavra) acha que sua cosmovisão é superior a do colonizado (no sentido amplo da palavra)? Fiquei pensando aqui com meus botões imaginários (tô sem camisa): as coisas seriam muito menospiore se tivéssemos a sensibilidade de considerar outras cosmovisões...

M. L. – O colonizador geralmente tem mais conhecimento (em certos aspectos, é claro) que o colonizado. Fazendo-o ser mais ingênuos dos fins lugar que podem ter. Foi isso que ocorreu no Brasil-colônia

V. M. – acho que não necessariamente mais conhecimento,/ mas conhecimentos diferentes/ o negócio é que o colonizador se coloca ao centro de tudo/ que é enxergar sua cultura como superior a outra (tem uma palavra pra isso, mas esqueci agora)

M. L. – Quero dizer do mundo que eles criam. Por exemplo: eles viam as minas e matas do Brasil como forma de comércio e os que aqui habitavam como forma de sobreviver. Acho que agora me expressei melhor/ Eu li sobre isso numa pesquisa que estava fazendo e que os portugueses ao chegarem no Brasil achavam os índios extremamente selvagens, e tentaram mudar o modo como eles viviam, porém uma boa parte resistiu as mudanças...

(S.L.E.P., 03/07/2020)

Diante do exposto, vemos interrelações da literatura com nossa história, seja ela em contexto global, nacional ou local, contribuindo para a releitura crítica de nossa realidade.

Relação com aspectos da vida dos leitores

Em uma comunidade de leitores, a escolha de uma obra se deve, em parte, a identificação dos integrantes com o enredo, com as personagens ou com conteúdo. Via de regra, são essas as primeiras informações a que eles têm acesso. Isso ocorre porque a leitura, conforme Freire (2011), inicia-se na compreensão do contexto dos sujeitos, do seu questionamento e de sua transformação, daí eles realizarem, antes mesmo do início da leitura, a conexão do seu universo com o texto.

É de se esperar que os clássicos da literatura não predominem entre suas indicações de leitura, embora não sejam desconsiderados, havendo, na realidade, a prevalência de produções contemporâneas, distanciadas do cânone e cujo conteúdo se aproxima da cultura juvenil, conforme apresentado no quadro 1. Ao se verem diante de um texto carregado de referências às suas vidas, os leitores ganham a oportunidade de indagar o mundo e destinar questionamentos a si. É o que acontece no fragmento abaixo, referente à discussão do livro “Textos cruéis demais para serem lidos rapidamente”:

J.D. – eu me senti abraçada em muitos textos/ a realidade das paixões e do amor/ que, mesmo quando existe isso, pessoas podem ir embora/ sobre a dor da partida/ eu tive a impressão de que o livro disse do início ao fim “tudo bem sentir”/ e isso foi tão bom/ gostei demais
(S.L.E.P., 20/06/2020)

Neste excerto, J.D. traz um tema recorrente no livro e novo aos jovens: decepções amorosas. O início de seu comentário indica que a leitura ocasionou um exercício de reflexão sobre experiências passadas, servindo-lhe de conforto ao concluir que o amor não correspondido gera uma dor que deve ser sentida. O compartilhamento

de relatos comuns aos integrantes do grupo parece confirmar o princípio da comunidade de leitores, a qual reúne sujeitos com muitas afinidades.

Nas comunidades de leitores, a avaliação dos textos está atrelada ao modo como estes provocam sensações – avaliações subjetivas – em quem lê, sejam elas positivas ou negativas. O livro é bom ou ruim, instigante ou pouco atrativo se houver relação com a vida dos leitores, especialmente se for positiva. Neste diálogo sobre “A princesa salva a si mesma neste livro”, dois integrantes da S.L.E.P. vêem os poemas como “gatilhos”.

M.S. – A forma como ela se expressa me tocou muito também, tantos gatilhos, minha gente

V.M. – Sim/ e ela usou isso em vários poemas/ (mal posso reler os prints e já me dá gatinho/ Esse aqui foi o primeiro a me deixar triste/ “isso é o que chamo de abuso? Saber que vai receber sal, e ainda esperar receber açúcar”/ ela retorna isso vários poemas depois/ sobre como havia, de certa forma, se acostumado a receber o sal ao invés de açúcar

(S.L.E.P., 15/05/2020)

Nessa mesma discussão, os participantes afirmam gostar da leitura, ainda que os textos abordem assuntos sensíveis, levando-os a ler o livro com “voracidade”. De forma semelhante ao diálogo anterior, no excerto que segue, o comportamento dos leitores diante dos poemas é marcado pelo sentimento de tristeza. Parafraseando J.D., os jovens da comunidade amaram os textos discutidos porque puderam chorar e ficar tristes.

M.L. – Comecei a ler hoje: mds falta pouco tempo, como assim?/ Eu lendo: Mais de 50% em menos de 1h, como assim?/ Estou gostando da leitura”

J.D. – Eu to desse jeito!!!/ tô amando/ já chorei uns bocado/ fiquei triste, parei e voltei

(S.L.E.P., 13/05/2020)

Evidentemente, não se pode pegar esse fragmento e generalizar, como se ele representasse a opinião de todos os integrantes do clube. Em alguns casos, os pontos de identificação com a obra servem ainda como critérios por sua recusa, sobretudo quando ela traz assuntos sensíveis a membros da comunidade, a exemplo do último que foi apresentado. Nesse sentido, uma vez que a recepção não se dá de modo idêntico entre os leitores, por mais que estes façam parte da mesma comunidade e possuam afinidades de leitura, eles terão a oportunidade de explicitar suas impressões sobre a leitura a partir

das experiências de vida que tiveram, as quais são únicas. Nos dois relatos seguintes, têm-se as perspectivas de um menino e de uma menina para o machismo, formuladas a partir da leitura de “Sejamos todos feministas”.

M.C. – Os homens ainda têm muitos privilégios que as mulheres não têm, justamente por causa de gênero/ Um simples, bem simples mesmo, é o fato das mulheres não poderem andar sozinhas a noite. E quando digo “poderem” é pelo medo mesmo de algo acontecer. Pq Deus me defenda de andar sozinha à noite! [...] Sinceramente, quero poder andar de noite sem ter medo de ser atacada ou estuprada.

M.L. – Pode parecer besteira, mas como homem tenho dificuldade de falar sobre esse assunto, porém esse pensamento de que: somos doutrinados desde pequenos é algo que me afeta há mto tempo (...) Hoje não tem um mês que minha mãe não diga: “você devia voltar a treinar, ficar musculoso, namorar. Assim, nunca vai se casar”. / Fala sério, eu, musculoso? Dispensio. Isso me fez perceber que o queriam de mim não era o que eu queria para mim.

(S.L.E.P., 17/07/2020)

M.C. e M.L. construíram diferentes sentidos para a obra, atrelados a experiências de vida. Como se percebe, ambos foram/são afetados pelo machismo, mas de diferentes formas: enquanto M. C. discorre sobre o risco de andar desacompanhada por ser mulher; M.L. por sua vez, desabafa sobre a violência simbólica sofrida dentro do seio familiar. Todas as leituras, em menor ou maior grau, permitiram aos alunos criar *links* entre o conteúdo dos textos e suas vidas, porém, no livro da Chimamanda Adichie, os relatos foram mais contundentes porque a própria autora traz diversos casos de violência – alguns deles pessoais – em decorrência do machismo.

Relação com outras leituras

Os integrantes de uma comunidade de leitores, diferentemente do que pregoam os adeptos da ideia de que jovens não lêem, trazem consigo suas bagagens de leitura, as quais são compartilhadas como sugestões nos encontros. As motivações são muitas, ocorrendo após uma leitura individual, com o propósito de socializá-la, mesmo não possuindo relação direta com a discussão; em razão da leitura de outras obras do autor; consoante a intertextualidade que há na obra lida com outras a que ela se reporta; devido a semelhanças estilísticas do texto com outros. No diálogo abaixo, integrantes da

revista *Linguagem*, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 93-120. ISSN: 1983-6988

S.L.E.P. discutem semelhanças e diferenças da obra “A princesa salva a si mesma neste livro” com “Outros jeitos de usar a boca”:

V.M. – Lembra um pouco a estrutura dos poemas do livro “outros jeitos de usar a boca”/ Q inclusive/ É muito bom tbm

M.E. – SIMMM/ esse livro é meu maior xodó

I.G. – Uma coisa q eu fico pensando sempre que leio poemas desse estilo, como os de “outro jeito de usar a boca”, é que não é nada sutil kkkk. Pelo menos eu, costumo ler aqueles poemas cheios de metáforas, coisas nas entrelinhas. Esses são muito diretos. Eles cortam você como uma faca/ Outros Jeitos

(S.L.E.P., 15/05/2020)

Ao contrário do que algumas pesquisas sugerem (“Retratos da Leitura no Brasil”, de 2016, é uma delas), quando expõem, quantitativamente, a possível queda na taxa de leitores com o avançar da idade, levando a crer que os jovens estão cada vez mais distantes da literatura, V.M., M.E. e I.G. parecem ter criado um hábito de leitura. Isso as permite compartilhar suas leituras individuais e conectá-las a outras, mostrando sensibilidade estética para até mesmo desenvolver críticas sobre elas, a exemplo do que faz I.G.. Ainda no que diz respeito aos sentimentos impulsionados pela leitura, elas não só decodificam os textos e constroem significados a partir deles, como mantêm uma relação de afeto com o livro, como demonstra M.E.

Deve-se considerar que os textos literários selecionados, além de acionarem a memória de leitura dos integrantes do clube, levando-os a fazer a indicação de livros, associam-se a gêneros cujos enunciados extrapolam a dimensão escrita, como séries, músicas e histórias em quadrinhos (HQ). Esse tipo de relação é cada vez mais frequente graças às transposições midiáticas. Não raro, um livro pode dar origem a um filme ou a uma série televisiva. Neste excerto, integrantes do grupo conversam sobre o “O Conto da Aia” e a série homônima:

M.E. – No início, fiquei um pouco confusa, ainda fico, as vezes ela dá uma viajada e não entendo se ta falando do passado, do sonho ou do presente, KKKK/ Mas eu to gostando MT, comecei a ligar as coisas.

R.L. – Se você tivesse assistido a série antes, tudo faria bem mais sentido mais facilmente/ Recomendo a série demais/ A única coisa que eu acho diferente do livro para a série é que no livro o Governo de Gilead é menos autoritário, a galera assistia até televisão no livro/ A série é bem mais pesadona.

M.L. – To quase em 45% do livro/ ele é meio grandinho/ mas é bom/ me deu vontade de assistir a série.
(S.L.E.P., 21/05/2020)

Inicialmente, M.E. expõe sua dificuldade em compreender a narrativa, embora isso não a desestimule. Essa dificuldade, possivelmente, não é exclusiva de M.E., ainda que ela tenha sido a única a abordá-la. Assim, R.L. sugere que seus colegas assistam à série como um recurso facilitador na compreensão do romance. R.L., que já havia assistido à série, é capaz de apontar algumas diferenças entre as duas narrativas e avaliá-las: “a série é bem mais pesadona”. Da mesma forma que o acesso à série pode estimular a leitura do livro, o contrário também é possível, quando consideramos que uma experiência exitosa com a obra, como a de M.L, leva o leitor a buscar novas formas de contato com a narrativa, em uma nova leitura, agora (mais) multissemiótica.

Os jovens, ao assimilarem mídias, linguagens e gêneros recentes, estão desterritorializando os artefatos culturais e os lugares de aprendizagem, em subversão à homogeneidade de conteúdos, metodologias e dispositivos didáticos reproduzida nos currículos escolares. A efetivação de uma pedagogia dos multiletramentos, proposta pelo Grupo de Nova Londres e defendida por Rojo (2012), surge como uma estratégia de valorização da diversidade cultural e de linguagens, de modo que as instituições de ensino levem em consideração, em suas práticas de leitura e escrita, gêneros discursivos – dentre eles, os digitais – que, embora não sacralizados institucionalmente, circulam amplamente na sociedade.

Na S.L.E.P., as leituras também foram associadas a produções dos participantes do clube. Abaixo, V.M. e J.D. comentam a semelhança de um poema do livro “Textos cruéis demais para serem lidos rapidamente” com uma tirinha de autoria de V.M., publicada em seu perfil do *Instagram*.

V.M. – Esse texto me lembra de uma tirinha que eu fiz, que diz que, às vezes, nos sentimos especiais e às vezes não nos sentimos, mas mesmo assim não deixamos de ser/ sobre demonstrar, e esperar a atenção do outro, e tem vez que se sentir especial é um vício.

J.D. – Simmm, me lembrou ela tbm.
(S.L.E.P., 20/06/2020)

Conforme dito na segunda seção deste artigo, Jenkins (2006) já havia explanado o comportamento multifacetado dos jovens vinculados a “comunidades de fãs”, as quais revista Linguagem, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 93-120. ISSN: 1983-6988

não se limitam ao compartilhamento de leituras sobre as obras selecionadas. Nessas comunidades, os integrantes encontram um espaço propício à divulgação de suas produções, sejam elas literárias ou não. Em outras palavras: os jovens lêem e comentam as leituras que realizam, mas também querem ser lidos, notados como escritores/artistas.

Considerações finais

Planejar um trabalho sistematizado com a literatura é uma atividade complexa, que exige supervisão constante pelos professores. Quando uma situação emergencial é instaurada, o grau de complexidade é elevado, já que novas estratégias devem ser mobilizadas por eles a fim de suprir a distância física que os separa dos alunos. Nessa direção, este artigo buscou analisar uma experiência com um clube de leitura desenvolvido virtualmente durante a pandemia de Covid-19. As ações, conforme apresentamos ao longo deste texto, foram definidas colaborativamente, o que levou a participação dos alunos em vários momentos: desde o convite à comunidade escolar, realizado por estudantes que também participaram da S.L.E.P., a escolhas de obras e dias para discussão. Isso nos leva a crer que o êxito desta experiência tenha se dado, em grande parte, às tomadas de decisão compartilhadas pelos integrantes do clube.

Evidentemente, alguns desafios surgiram, a começar pela leitura de *e-books*, que, para alguns alunos, foi dificultada por estarem realizando-a a partir de aparelho celular. As reclamações surgiam, sobretudo, em razão do tamanho das letras e da impossibilidade de ampliá-las sem o apoio de um aplicativo específico. Entretanto, alguns problemas, como este, foram solucionados, tendo em vista que juntos os alunos se ajudavam, seja motivando os colegas com a leitura ou lhes dando suporte técnico. Outros dois aspectos negativos, segundo os estudantes, foram o surgimento de *spoilers* antes da discussão, os quais, às vezes, também serviam de estímulo à leitura, e a dificuldade para ler em razão da interferência de familiares, elemento suscitado, possivelmente, pelo contexto pandêmico, dada a necessidade de isolamento social.

Ainda assim, apesar dessas limitações, acreditamos que a experiência merece ser replicada por seu potencial agente e pelas decisões democráticas que subjazeram as práticas de leitura. Para que isso ocorra, os professores, responsáveis pela mediação das ações, devem estar abertos à escuta e negociar com seus alunos, se assim for preciso, o

que deve ser alterado, sempre com vistas a fortalecer a participação deles, a fim de que o clube ganhe um formato que atenda aos seus interesses de leitura.

REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO, Stella M.; MACHADO, Veruska R.; CASTANHEIRA, Salete F. *Formação do professor como agente letrador*. São Paulo: Contexto, 2010.

CASADO ALVES, Maria da Penha; ROJO, Roxane. Comunidades de leitores: cultura juvenil e os atos de descolecionar. *Bakhtiniana - Revista de Estudos do Discurso*, v. 15, p. 145-162, 2020.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: *Revista Estudos Avançados*, v. 5, n. 11, p.173-191, 1991. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601/10152> Acesso em: 20 ago. 2020.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Trad. Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, Rildo; PAULINO, Graça. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania (Orgs.). *Escola e leitura: velha crise; novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.

FOLHA. “A peste”, de Albert Camus, é metáfora para epidemias e opressões: Romance de 1947 se tornou novamente best-seller na Europa e no Brasil após surto do coronavírus. 27 mar 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/03/a-pestes-de-albert-camus-e-metafora-para-epidemia/s-e-opressoes.shtml>> Acesso em 24 Set 2020.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 51 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

JENKINS, Henry. *Convergence culture: where old and new media collide*. Nova York, Londres: New York University Press, 2006.

KLEIMAN, Angela B. Processos identitários na formação profissional - O professor como agente de Letramento. In: CORRÊA, Manoel; BOCH, Françoise. *Ensino de língua: representação e letramento*. Campinas, SP. Mercado das Letras, 2006.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo. Trad. Carlos Irineu da Costa. Editora 34, 1999.

MELO, Rosângela F. *O leitor de comunidades de literatura seriada: uma construção identitária sem fronteiras?* 2017. 175 f. Mestrado em Linguística Aplicada. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

OLIVEIRA, Maria do Socorro. O papel do professor no espaço da cultura letrada: do mediador ao agente de letramento. In: SERRANI, Silvana (org.) *Letramento, Discurso e Trabalho Docente: uma homenagem a Angela Kleiman*. São Paulo: Ed. Hedra/Ecidade, 2010.

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

STREET, Brian. Perspectivas interculturais sobre o letramento. *Revista de Filologia e Linguística Portuguesa da Universidade de São Paulo*. n. 8, p. 465-488, 2007.

Submetido em: 18/10/2020.

Aprovado em: 01/03/2021.

Como referenciar este artigo:

SANTOS, Alana Driziê Gonzatti dos; PEREIRA, Dayveson Noberto da Costa. Comunidades Virtuais de Leitores e Promoção do Letramento Literário em Situação Emergencial. **revista Linguagem**, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021. p. 93-120.